

# BEATRIX

RUBEM BRAGA

**T**RECHO de uma carta que mandei a João Condé: "Beatrix Reynal é leitora de "Letras e Artes" e mais ainda de seus "Arquivos". Ficou impressionada com essa idéia de Caruarú promover uma máquina de escrever para a Campanha de Alfabetização e Assistência Social de Cachoeiro de Itapemirim. E v. sabe como Beatrix é violenta quando se trata de praticar uma bondade, v. sabe que ela perdeu o esplêndido conforto em que vivia, espalhou seis milhões de cruzeiros pelas mãos dos pobres, e, depois de lutar como ninguém, no Brasil, pela sua França espezinhada, está lutando agora pelos brasileiros mesmos, pelos mais pobres, mais doentes, mais desgraçados, mais tristes.

Essa grande doadora de bens, que distribuiu tanta máquina de costura por mocinha pobre e tanto livro por intelectuais "quebrados", essa amiga do tuberculoso e do artista, do mendigo e do sonhador — ela é hoje, sobretudo, uma grande pedinte. Vai-se desfazendo ainda do resto de sua fortuna — e dia e noite anda para um lado e outro pedindo a algumas centenas de ricos uma ajuda qualquer para seus muitos milhares de pobres.

Seu apêlo, Condé, não podia deixar de comover Beatrix. Ela então resolveu "rebetar a banca" e me trouxe em casa, subitamente, uma bela máquina de escrever suíça, absolutamente nova, para encaminhar à você. E' o que ora faço simbolicamente, pois já despachei a máquina para Zilma".

Assim foi encerrada, à altura de 3.250 cruzeiros, que serão empregados em outras necessidades da campanha da professora Zilma Coelho Pinto, a subscrição aberta pelo amigo pernambucano e fechada pela amiga provençal.

Mas Beatrix não ficou na máquina. Várias vezes parou um taxi diante de minha porta, e começou a carregar coisas para dentro de casa. Além da máquina de escrever já me entregou, e já mandei para Cachoeiro: 114 ms. de 50 cms. de largura de tecido de algodão; 20 ms. de 1,50 de largura de tecido de algodão; 481 ms. de 70 cms. de largura de algodão tipo cambraia; 100 ms. de morim legítimo; 808 ms. de flanela; 875 ms. de tecido panamá; 135 ms. de tecido para toalha de mesa; 33 pares de meias para crianças e 68 latas de talco.

Estêve em minha casa ontem, quando eu batia o último calxote a mandar para Zilma. Disse que agora vai trabalhar para os tuberculosos — mas pode ser que mais tarde volte a funcionar em nossa campanha.

O leitor perguntará o que deu nessa mulher. Não deu nada. Esta é a rotina de sua vida espantosa. Seus dias e suas madrugadas ela os tem consumido em trabalhos para os pobres da França ou para as vítimas da inundação de Minas, para os leprosos ou para os órfãos.

De propósito deixei para escrever esta crônica neste dia 14 de julho. E' o Dia de França, um grande, generoso dia da humanidade. Ouvi dizer que a França vai dar a essa filha a sua Legião de Honra. Apenas me espantei de que ainda não o tivesse feito. Num fundo de roça, perto de Vargem Alta, no município de Cachoeiro, rapazes e homens descalços, trabalhadores da lavoura, se juntam à noite para aprender. Uma das primeiras palavras que eles aprendem a escrever é o nome de seu curso, o nome de uma francesa: Beatrix Reynal. No fundo dos cortiços, no alto dos morros, na tristeza das enfermarias, esse nome é repetido com emoção.

O governo do Brasil já honrou Beatrix com uma condecoração. Condecorações não valem de nada; mas se na França existe uma Legião de Honra, a França está devendo uma fitinha vermelha — não a Beatrix Reynal, mas ao Brasil, onde ela honrou o nome de sua terra na hora da desgraça e da humilhação — e honra todos os dias com a sua bondade heróica e infinita.

14.7.49

158